

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

REDES E RUINAS

GRETE PFLUEGER (UEMA)

REDES E RUÍNAS

Introdução

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão teórica sobre as cidades que morrem, que ficaram em ruínas e decorrentes de processos que geraram decadência econômica e social configurando um urbanismo de exclusão, devido ao isolamento e desconexão destas cidades da rede colonial e da rede global. Tomamos como objeto de estudo a cidade Alcântara no Maranhão que sofreu um processo de arruinamento sem precedentes ilustrado por Adolf Lindenberg em 1904 que compara Alcântara à cidade italiana de Pompéia devastada pelo Vesúvio. Os processos de conexão e desconexão das cidades no período colonial e seus reflexos na atualidade são abordados a partir da reflexão e conceituação teórica de REIS FILHO, CASTELSS, SASSEN, LE GOFF e HUYSEN tratando o fenômeno das cidades em rede e da exclusão. A temática das ruínas é inicialmente abordada através da etimologia da palavra *ruínas* e da reflexão do significado das *ruínas* nos diferentes campos disciplinares através da reflexão teórica de Freitag, das cartas patrimoniais estabelecendo um diálogo com a interpretação da narrativa de poetas e intelectuais maranhenses sobre o processo de arruinamento e morte da cidade de Alcântara no Maranhão.

Redes

Conceituação teórica

Analisaremos o conceito de rede urbana colonial no século XVIII em Reis Filho e Moreira confrontando com o conceito atual de rede utilizado em Castells e Sassen na perspectiva de evidenciarmos a existência das redes em temporalidades diversas.

Em Reis Filho¹ observamos que o processo de urbanização brasileiro correspondeu a um plano complexo de organização de uma rede ou sistema urbano conectado a Portugal e aos mercados europeus, considerando que a partir de 1532 e entre os anos 1652 e 1720 foram fundadas trinta e cinco vilas no Brasil, elevando-se duas a categoria de cidade e ao final do período colonial a rede urbana estava constituída por um respeitável conjunto de 63 vilas e 8 cidades reais.

Reis Filho afirma que o processo de urbanização correspondeu a um plano complexo de organização da rede conformando um sistema urbano colonial, pois as cidades estavam articuladas entre si e relacionadas aos mercados europeus através das companhias de comércio como a Grão Pará Maranhão exportador de matérias primas para toda a Europa, especialmente no período áureo do algodão.

Rafael Moreira² considera que o processo de urbanização brasileira configura uma rede desde o século XVI até a época pombalina, ressaltando que havia uma rede de cidades centrais com vocação a capitalidade próximas ao porto, em boas condições de defesa, em lugar alto e arejado e com um hinterland capaz de garantir seu abastecimento. Tais autores admitem a existência de uma rede colonial abordagem que confrontamos com a perspectiva de Castells e a rede global na atualidade.

Castells³ trata do surgimento de uma nova estrutura social manifestada sob varias formas conforme a diversidade de culturas e instituições em todo o planeta. Esta nova estrutura social esta associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, novas estruturas e processos que caracterizam a sociedade informacional, as novas tecnologias e a Globalização. Ele parte do pressuposto que como tendência histórica, as funções e os processos com dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno das redes que as redes constituem uma nova morfologia social.

¹ Reis filho, Nestor Goulart. Contribuição ao estudo da evolução Urbana do Brasil 1500/1720 ,São Paulo ,Pini ,2000.

² Moreira, Rafael.A criação da rede urbana do norte do Brasil .séculos XVI-XVII in a construção da cidade brasileira.ed.Ceua.Lisboa

³ Castells, Manuel. Sociedade em rede.Vol. I São Paulo.Paz e terra . 1999. Prólogo a rede e o ser .pág. 39 a 65 e 120. Vol. I

Esta nova economia surgiu no século XX por que a revolução da tecnologia da informação forneceu o material indispensável para sua criação e tomou uma escala global. Dois aspectos são relevante na nova economia : 1. é *informacional* porque a produtividade e competitividade de unidades dependem da capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos ;
2. é *rede*: porque nas novas condições históricas, a produtividade é gerada e a concorrência é feita numa rede global de interação entre redes empresariais.

No entanto Castells ⁴ ressalta que o surgimento do informacionalismo neste final de milênio esta entremeado de desigualdade e exclusão social crescente em todo o mundo.

Castells define exclusão social como o processo pelo qual determinados grupos e indivíduos são sistematicamente impedidos de acesso a posições que lhes permitiriam uma existencia autônoma dentro dos padrões sociais determinados por instituições e valores inseridos em um dado contexto considerando que a exclusão social é um processo não uma condição e que afeta tanto pessoas como territórios, de modo que sob determinados condições países, regiões, cidades e bairros inteiros são excluídos relegando a tal exclusão a maioria ou a totalidade de sua população.

Observamos que este processo ocorreu em cidades históricas como Alcântara que sofreu um duplo processo de exclusão: a primeira da rede colonial com a decadência do século XIX e desconexão com os mercados europeus a segunda exclusão da rede global quando foi implantado o centro de lançamento de foguetes em 1980 e a cidade decadente se encontrava despreparada tendo seu território desapropriado e desagregado pelo empreendimento sem absorção da comunidade local.

Podemos entender o processo de exclusão quando Castells explica que através da nova lógica dominante do espaço de fluxos as áreas consideradas sem valor na perspectiva do capitalismo informacional e que não sejam objeto de interesse político significativo são ignorados pelos fluxos de riqueza e de informação. Este é o caso de cidades que por razões econômicas se desconectaram da rede global e tornaram-se despreparadas e excluídas da rede.

Saskia Sassen⁵ em seus estudos sobre as cidades na economia mundial considera que ao lado das novas hierarquias globais e regionais há um vasto território que se tornou cada vez mais periférico e cada vez mais excluído dos grandes processos econômicos que alimentam o

⁴ Castells, Manuel A era da informação: economia , sociedade e cultura.Fim de milênio. Paz e terra .SP 2005 vol. 3 , pág. 93

⁵ Sassen, Saskia. As cidades na economia mundial , 1998,pág. 17

crescimento econômico na nova economia global. Uma multiplicidade de centros manufatureiros cidades portuárias outrora importantes, perderam suas funções e encontram-se em declínio. É o caso particular de alguns Estados Brasileiros e de algumas cidades históricas como Alcântara.

O processo de exclusão nos diferentes momentos da formação das cidades em temporalidades diversas resultaram em exclusão e isolamento favorecendo o abandono e a decadência que resultam em arruinamento e morte da cidade

Ruínas

Significados e Conceituação teórica

Na enciclopédia Einaldi⁶ o verbete 'Ruína' significa:

Um exemplo da transformação psicológica de um dado natural de enorme interesse. A ruína pode por um lado evocar o passado glorioso e a caducidade de todas as coisas. Pode ser objeto de reflexão histórico filosófica por um lado e pode dar lugar a um sentimento subtilmente crepuscular; pode ser uma ruína clamorosa, eloqüente, com uma massa obstrutiva ou, pelo contrario um efêmero bastidor visual, um frio contraste, uma ironia irrisória.

As ruínas são objeto de estudo em diversos campos disciplinares como a arqueologia, arquitetura e urbanismo, poesia, filosofia e arte, pois constituem uma temática extremamente interessante e peculiar. Quando pensamos em ruínas imaginamos ruínas antigas gregas e romanas, cidades persas ou italianas ou ruínas contemporâneas fragmentos das guerras como as ruínas alemãs ou mais atualmente as ruínas do mundo árabe em constante destruição.

As ruínas são fragmentos da cidade, constituem uma parte do tecido urbano que morreu, mas que permanecem como documento silencioso da destruição ou decadência, elas estabelecem um dialogo no tempo entre o passado e o futuro.

Algumas abordagens teóricas apontam diferentes aspectos das ruínas. Em Riegl⁷ podemos compreender as ruínas antigas utilizando suas categorias de análise com relação aos valores subjacentes ao conceito de monumento histórico e que estão divididos em valor histórico, valor artístico, valor de rememoração e valor de Antigüidade. No caso das Ruínas (de Alcântara) observa-se que o valor de antigüidade reside na oposição à contemporaneidade, no defeito a integridade, na tendência a dissolução das formas e das cores. Riegl considera as ruínas como atributos de obras, depoimentos das grandezas do passado frente à decadência

⁶ Le Goff, Jaques. Memória in enciclopédia Porto, Ed. Einaldi. Imprensa Nacional casa da moeda, 1984. volume I.

⁷ Riegl, Alois. Le culte moderne des monuments, son essence e sa gênese. Editions de Seuil. Paris, 1984

do presente e ressalta que estes sintomas de degradação produzem efeitos negativos sobre o observador.

Em Munford⁸ compreendemos que as culturas humanas não morrem num dado momento, como organismos biológicos, muito embora frequentemente pareçam formar um todo unificado, suas partes podem ter tido uma existência independente antes de ingressarem no seu todo e pela mesma razão, podem ser capazes ainda de continuar existindo depois que o todo em que outrora floresciam não funciona mais.

Em Huyssen⁹ compreendemos as ruínas contemporâneas, ele trata as ruínas e os vazios de Berlim pós holocausto com um enfoque especial. Como crítico literário trabalha a noção de cidade como um texto, no sentido de ler a cidade como conglomerado de signos. Em seu livro “seduzidos pela memória” reúne ensaios que apontam o surpreendente nascimento de uma cultura e de uma política da memória e sua expansão global a partir da queda do muro de Berlim, do fim das ditaduras latinas e do apartheid na África. Em Huyssen a globalização da memória funciona também em dois outros sentidos relacionados, que ilustram um paradoxo na Alemanha, por um lado o holocausto se transformou em cifra para o século XX como um todo e para falência do projeto iluminista, ele serve como uma prova da incapacidade da civilização ocidental de praticar a anamnese de refletir sobre sua inabilidade constitutiva para viver em paz com diferenças e alteridades.

Outra abordagem interessante sobre “ruínas em cidades históricas” esta no projeto “Itinerância urbanas”¹⁰ coordenado por Bárbara Freitag.

Freitag defende a tese da itinerância das capitais brasileiras, partindo da constatação de que é corriqueiro na história das vilas e cidades brasileiras desde os primórdios da colônia o abandono de núcleos criados para fundação de outros paralelos, transferindo as funções do antigo para o novo, deste modo à cidade abandonada pode viver um período de estagnação ou até mesmo “cair no esquecimento”, enquanto a cidade nova passa a assumir as funções político administrativas e concentra riqueza e prestígio. A partir desta moldura teórica, ela cria uma tipologia das cidades e as identifica como 5 tipos, dentre estes tipos ressaltamos *Cidades históricas abandonadas, descuidadas, em ruínas, “mortas” onde ela cita como exemplos: Alcântara no Maranhão e Missões dos sete povos no RS.*

⁸ Munford, Lewis. A cidade na história. São Paulo: Martins fontes, 1998

⁹ Huyssen, Andreas. Seduzido pela memória, Rio de Janeiro, Aeroplano, MAM, 2000.

¹⁰ Laboratório de itinerâncias Urbanas, UNB. Bárbara Freitag, disponível no site www.unb.br/ics/sol/itinerancias

Ruínas – as Cartas patrimoniais

A conservação e os processos de intervenção nas ruínas são esclarecidos pelas cartas patrimoniais, destacamos duas referências importantes contidas na “Carta de Atenas”, ¹¹:

Art 6 - A história esta inscrita no traçado e na arquitetura das cidades. Aquilo que subsiste forma o fio condutor que juntamente com textos gráficos permite a representação de imagens sucessivas do passado.

Na “Carta de Veneza”, 1964 que trata a questão da preservação.

Art 15 – devem ser asseguradas a manutenção das ruínas e as medidas necessárias à conservação e proteção permanente dos objetos descobertos. Além disso, devem ser tomadas as iniciativas para facilitar à compreensão do monumento trazido a luz sem jamais deturpar seu significado. .

A preocupação com as ruínas expressa nas duas cartas patrimoniais, revela a importância delas para o entendimento da história das cidades. Geralmente associadas ao abandono e a decadência, pela degradação de seus elementos construtivos ou estéticos, as ruínas são por outro lado reminiscências do passado, fragmentos da arquitetura, peças de um quebra cabeça que necessitam de complemento para compreensão.

Alcântara é sinônimo de Ruínas

Histórico da cidade

No século XVI a antiga aldeia dos tupinambás “Tapuitapera” foi alvo da disputa de franceses e portugueses devido sua estratégica posição no golfão maranhense. Em 1648 foi transformada em vila religiosa de Santo Antonio de Alcântara sob a tríade religiosa das Igrejas e conventos do Carmo, Matriz e das Mercês. Os caminhos naturais articularam um traçado no século XVIII quando a Vila transformou-se em um importante entreposto comercial e sede da aristocracia rural agro exportadora de algodão consolidando um importante conjunto arquitetônico luso brasileiro.

No século final do século XIX, vários fatores como a transferência dos mercados de algodão e a abolição dos escravos contribuíram para um longo processo de decadência econômica e arruinamento arquitetônico que perdurou por todo século XX. A fragilidade do tecido urbano em processo de arruinamento padeceu diante das externalidades como a instalação em 1950 de um presídio de segurança e em 1980 com desapropriação de 51% das

¹¹ Cartas patrimoniais IPHAN .Carta de Atenas- CIAM – 1933, no capítulo sobre entendimento da cidade e sua região

terras do município pela Aeronáutica para implantação de uma base espacial e centro de lançamentos de foguetes gerando favelização das encostas e descaracterização dos sítios arqueológicos.

Em Alcântara as ruínas configuram uma especificidade dentro do conjunto arquitetônico tombado, são inúmeras e estão localizadas na sede e na zona rural do município remanescentes das antigas casas das fazendas e quilombos e dividem-se em ruínas da arquitetura civil, religiosa e militar .

Em geral ruínas estão associadas à cidade morta, ao passado distante da cidade rica e opulenta que não existe mais e desta forma as ruínas são vistas pela comunidade como espaços mortos, que não podem ser ocupados, congelando o tecido urbano.

Em alguns momentos a comunidade negou a sobrevivência dos monumentos, retirando-lhe seus materiais promovendo a destruição e arruinamento e transformando-as em casas, baldrames e calçamento de ruas em bairros periféricos e favelas que emergem. De acordo com depoimentos de antigos moradores da cidade as pedras das paredes da Igreja da Matriz foram destruídas pela retirada sistemática para construções de calçamento das ruas por populares e pela própria municipalidade.

A possibilidade de demolição das ruínas da igreja matriz de Alcântara foi objeto de uma polêmica no jornal “O Imparcial” de 1927¹². O historiador maranhense Antonio Lopes defende a preservação das Ruínas e responde ao poeta Ulpiano Brandão perplexo pela questão levantada:

..... Que não sejam arrasadas as vetustas ruínas da igreja da matriz. Oponho-me e comigo o Instituto Histórico . Admira que você não tenha desde logo impedido, pois então meu caro poeta, compreenderia você que Roma demolisse o coliseu para ajardinar o local, e Atenas do alto da colina varresse as últimas colunas do Parthenon para abrir um passeio publico...

Semelhante descaso e forma de degradação do patrimônio são relatados por Choay¹³ com relação à abadia de Cluny na França, destruída entre 1728 e 1823, quando foram adquiridos bens nacionais impunemente para lotear o terreno ou para converter em materiais de construção , destruindo assim alguns dos mais prestigiosos monumentos da França.

¹² Acervo de obras raras da Biblioteca Pública Benedito Leite de São Luis-Ma. acervo micro filmado de jornais da década de 30 .

¹³ Choay, Françoise. Alegoria do Patrimônio. São Paulo. Liberdade, Unesp,2001

É uma relação de memória e esquecimento. Le Goff ¹⁴coloca que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Ele ressalta que a memória coletiva não somente uma conquista é também um instrumento e objeto de poder.

Em pesquisa realizada nos jornais¹⁵ observamos a existência de um discurso recorrente dos intelectuais sobre a morte da cidade e Alcântara passa a ser então sinônimo de ruínas:

São Luis é uma cidade de poucas alegrias.

*Decadente e triste, a nossa capital **Alcantariza-se** de dia para dia. (“Diário de norte” ¹ de 24 de abril de 1936 – Coluna “Cidade”).*

Alcantarizar-se virou neste período sinônimo de abandono, arruinamento, destruição e tristeza. Reflexo da decadência do Estado do Maranhão observada na Capital.

A constatação do abandono esta presente inquietos com o arruinamento da cidade como Odilo COSTA FILHO¹⁶ e Lefevre:

Recuso-me a pensar em Alcântara como cidade morta. Dir-se-ia que Alcântara esta morta. Direi que Alcântara se recusa a morrer. Foi condenada a viver menor: não se entregou a este destino. (Lefreve pág. 23)

Antonio LOPES ¹⁷historiador maranhense que muito se dedicou à história de Alcântara, escreveu livros sobre a cidade onde denunciou a incúria e o vandalismo...

“Cidade meio abandonada, Alcântara guarda ainda as relíquias do fausto extinto”. Edificaram-se num plano largo, quase monumental, ruas amplas, casas sólidas, numerosos sobrados, muitos dos quais verdadeiros palacetes. As suas igrejas-O Carmo, a Matriz, hoje arruinada são relativamente notável pela sua construção e ornamentação. E a velha cidade morta, com os seus templos derruídos e casarões destelhados, têm a poesia do passado, da grandeza perdida, das relíquias veneráveis, vítimas não só do tempo, mas da incúria e do vandalismo dos interesseiros negociadores do espólio de uma prosperidade que se foi. (pág.103)

Raimundo Lopes¹⁸, importante Geógrafo maranhense do século XIX refere-se a Alcântara como a cidade das ruínas verdes.

¹⁴ Le Goff, Jacques. Memória e história. São Paulo. Ed. UNICAMP. 2003

¹⁵ Jornal “O Estado do Maranhão” e “O Imparcial” do setor de obras raras da Biblioteca Publica do Estado do Maranhão da década de 30-40 e 1970

¹⁶ Lefevre, renée e Odylo Costa Filho . Maranhão :São Luis e Alcântara .São Paulo.Edusp,1971.

¹⁷ Lopes, Antônio. Alcântara: subsídios para a história da cidade. [S.l] MEC, 1957. PHAN. e Alcântara: uma cidade tradicional. São Luis: FUNC, 1977.

¹⁸ LOPES, Raimundo. Uma região Tropical: Rio de Janeiro, ED.Fon Fon e Seleta, 1970.

A morte, mesmo entrelaçada a vida, intimida e assombra; a cidade decadente inspira uma simpatia mesclada de tristeza. De longe, porém revemo-la com amor, num crepúsculo de emoções que suaviza os contornos da realidade dolorosa; e através da meditação, que é o caminho da sabedoria, e através da saudade que é mãe da emoção duradoura e espiritualizada, transportamos as ruas e as ruínas verdes de Alcântara...

Pompéia Brasileira

Olhar dos viajantes, poetas e historiadores.

Se os maranhenses consideravam Alcântara sinônimo de ruínas, os viajantes no início do Séc.XX a consideravam a Pompéia Brasileira. Mesmo considerando a natureza diversa do processo de arruinamento, que em Pompéia foi causado pela erupção do Vesúvio no ano de 79 dc. Algumas similaridades são observadas, pois Pompéia como Alcântara não era uma metrópole influente, mas uma cidade provinciana de tamanho mediano com 20.000 habitantes numa região de cidades mais poderosas, como Cápua e Nápoles e suas ruínas oferecem uma imagem do grau de civilização e da organização de uma cidade comum daquela época, por esta razão achamos que a comparação é bastante peculiar...

Destacamos a narrativa do viajante e médico Lindenberg de 1904¹⁹ comparando a rua da amargura de Alcântara com as ruas da cidade italiana

“Uma trepadeira caridosa vai escondendo ao olhar do viandante aquele triste espetáculo... E que pouco a pouco vai cobrindo a cidade morta como se fosse uma mortalha... Logo depois outro palácio, queremos dizer outra ruína e assim se vão sucedendo uns trinta talvez! A rua inteira é uma Pompéia!... Paredes de pedra, nuas isoladas esqueléticas, mais ou menos cobertas de verde, um ou outro gradil enferrujado, belíssimas colunas de granito português e blocos de mármore espalhados por toda parte, lembrando de sua alvura e na sua tristeza as ossadas de um cemitério.”. (Lindenberg, 1904)

O poeta contemporâneo maranhense Jose chagas²⁰ denunciou em artigo a situação das ruínas de Alcântara fazendo uma análise das ruínas antigas da cidade colonial com as novas ruínas resultantes do acidente da plataforma de lançamento de foguetes que vitimou 21 cientistas brasileiros em 2004.

¹⁹ Victor Godinho e Adolpho Lindenberg, foram médicos que visitaram o maranhão em 1904 para tratar da peste .Relatório extraído do livro *viagem ao norte do Brasil*, acervo IHGB RJ

²⁰ Artigo publicado no jornal estado do maranhão em 5 de novembro de 2005 –“Alcântara inferno sem barreira”

“De fato vítima do tempo quanto do espaço, Alcântara sofre pelo passado que lhe arrancaram a força e por um futuro que também lhe dar. A rigor é uma cidade que não tem presente. Eu disse sobre ela em meu livro “a negociação do azul”, que ali o tempo condensou em tempo de espera /espera de tudo/e o grande orgulho da cidade é saber esperar/o passado/que pelo futuro/ qualquer cidade espera”.

O processo de desconexão de Alcântara tem dois momentos importantes a desconexão da rede urbana colonial quando a cidade entra em decadência já no final do XIX e no século XX quando a cidade novamente se encontra despreparada para um empreendimento global que foi a implantação do centro de lançamento gerando mais exclusão na medida em o empreendimento não absorveu nem integrou a cidade no processo gerando mais isolamento, segregação social e pobreza.

Urbanismo de exclusão?

Françoise Choay²¹ considera que a palavra “urbanismo” é recente, sua criação de acordo com Gaston Bardet apareceu em 1910 no “*Bulletin de societe geographique de neufchatel*” juntamente com a criação da sociedade francesa de arquitetos urbanistas em 1914, com caráter crítico e reflexivo correspondia ao surgimento de uma nova realidade do final do séc XIX com a expansão da sociedade industrial. Choay aborda diferentes questões da sociedade industrial urbana, que produz as metrópoles, as conurbações, esta realidade corresponde a o século XIX na Europa ao mesmo tempo em que algumas cidades brasileiras em seu processo de independência ficaram desconectadas desta revolução.

As cidades são dinâmicas nascem, crescem, explodem e incham transformando-se em megacidades, mas também morrem, arruinam-se, desaparecem. Alguns exemplos no são bem notáveis: cidades italianas antigas como Pompéia e Herculano devastados pelo Vesúvio, ou, mas recentes como algumas cidades coloniais brasileiras como Alcântara e as Missões no RS, exemplos do abandono, morte e exclusão.

As cidades estão conectadas numa rede global tem sido objeto de estudo do urbanismo e as cidades mortas ?àquelas que se desconectaram da rede que tiveram seus traçados apagados? Que perderam suas referencias urbanas entrando em ruínas que parte do urbanismo as estuda?

Que processo urbano equivale à morte da cidade? É a negação do urbanismo? Ou urbanismo da exclusão?

²¹ Choay, Françoise. o urbanismo. ed. perspectiva, São Paulo. 1979

como os teóricos pensam sobre cidades ou sobre parte delas que estão arruinadas, são estas questões que pretendemos levantar através deste trabalho contribuindo para a reflexão e estudo das cidades em sua face de maior fragilidade ressaltando as ruínas como fragmentos para reflexão , como um dialogo do tempo, passado e futuro .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALCÂNTARA, Antônio Pedro Gomes e Dora. **O plano de recuperação de Alcântara de 1963**. Revista Acrópole N° 384. Abril de 1971.
- ALCÂNTARA: CANTOS DO SILÊNCIO. Andrade Gutierrez. São Paulo: Ed. SPALA. 1987
- ALCÂNTARA. FOTOGRAFIAS de BARNABAS BOSHART. Frankfurt. Stemmler. 1987
- ALCÂNTARA, Dora. **Azulejos portugueses em São Luís do Maranhão**. [S.l.]: Fontana; Fundação Luiz La Saigne, 1980.
- BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro. Bertrand. 2004
- BRASIL. Ministério do Interior. RONDON. **Monumentos Históricos do Maranhão**. São Luis: Sioge, 1979.
- Dicionário Aurélio.
- CARTAS PATRIMONIAIS. IPHAN. Rio de Janeiro (Brasil), 1995.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol.i.São Paulo. Paz e terra. 1999
- _____.O poder da identidade. Vol.II São Paulo. Paz e terra.
- _____.Fim de milênio. São Paulo. Vol.III.Paz e terra.
- CHAGAS, Jose. **A negociação do azul ou a castração dos anjos**. Edições da AML/SIOGE,
- CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Liberdade; UNESP, 2001.
- _____.**O Urbanismo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.
- CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Cia. das letras, 1991.
- COSTA, Wagner Cabral da. **RUINAS VERDES: tradição e decadência nos imaginários sociais**. Caderno de pesquisa. UFMA, v.12, 2001

D'ABBEVILLE, Claude. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão: 1623**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975.

D'EVREUX, Yves. **Viagem ao norte do Brasil**. São Luis 1874. (obra rara da Biblioteca publica)

FREITAG, Bárbara. **Cidade dos Homens**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2002. .

GULLAR, Ferreira. **Cidades inventadas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro, aeroplano, MAM, 2000.

Jornal O ALCANTARENSE-1906- obra rara da Biblioteca Publica Benedito Leite – São Luis-MA.

Jornal Diário do Norte – 1930-1940-obras raras da Biblioteca Publica Benedito Leite

Jornal O Estado do Maranhão-2005

Jornal O imparcial – 1927- obras raras micro filmadas da Biblioteca Publica Benedito Leite

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico fotográfico Brasileiro**. Instituto Moreira Salles. Rio de Janeiro.

KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil: 1815 /1891**. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

KONDER, Leandro. Walter Benjamin - O marxismo da melancolia. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 1999.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1988.

_____. **Memória e história**. São Paulo. Ed. UNICAMP. 2003

LEFÈVRE, Renée e COSTA FILHO, Odylo. **Maranhão: São Luis e Alcântara**. São Paulo: Companhia Editora Nacional Ed. USP, 1971.

LIMA, Carlos. **Vida paixão e morte de Alcântara**. São Luís: SECMA. 1998.

LIVRO GROSSO DO MARANHÃO, Anais da Biblioteca Nacional nº. 66. Rio de Janeiro.

LOPES, Antônio. **Alcântara: subsídios para a história da cidade**. [S.I] MEC, 1957. PHAN.

LOPES, Antonio. **Alcântara: uma cidade tradicional**. São Luis: FUNC, 1977.

LOPES, Raimundo. **Uma região Tropical**: Rio de Janeiro, ED.Fon Fon e Seleta, 1970.

MARANHÃO 1908. Álbum de fotografias de Gaudêncio Cunha. R. Janeiro: Spala, A. Gutierrez, 1987.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico e geográfico da província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-fon e Seleta, 1970.

MEIRELES, Mario. M.**História do Maranhão**. FUNC. São Luis, 1980.

MORAES, Padre José de **história da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará, 1759**. Rio de Janeiro: IBM, Editorial Alhambra. 1987.

_____. **Cripto Maranhenses e seu legado**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MONTELLO, Josué. **Noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PANOFISKY, Erwin. **Idea. A Evolução do conceito do Belo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil 1500/1720**. São Paulo, Pini, 2000.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes. 1995.

REVISTA NOSSA HISTÓRIA. Conselho da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1.19.

RIEGL, Alois. **Le culte moderne des monuments, son essence et sa gênese**. Editions de Seuil, Paris, 1984.

RUSKIN, John. **As pedras de Veneza**. São Paulo: Martins fontes, 1992 coleção a

SASSEN, Saskia. **As Cidades na economia Mundial**. São Paulo.Studio Nobel , 1998

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Arquitetura Luso-Brasileira no Maranhão**. B.Horizonte. Formato, 1998.

SCHREIBER, Hermann e Georg. **Ruínas célebres**. São Paulo. IBRASA. 1960

STAROBINSKI. Jean. **As Mascaras da Civilização**. São Paulo . Cia. das letras, 2001.

URBANISMO EM QUESTÃO.Org. Denise Barcellos et al. RJ. UFRJ. PROURB, 2003

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil colonial**. Ed.Objetiva. Rio de Janeiro. 2000

VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**. -São Luís: Alumar, 1999.

_____. **História do comércio no Maranhão: 1612/1895**. [São Luís]: Lithograf, 1992. V. 1, 2,3 e 4. Fac-similar da coleção promovida Associação comercial do Maranhão.

WALLE, Paul. **AU BRASIL-Etats de Piahuy e Maranhão**. Paris: Librairie orientale: Editeur Guilmo, 1912. (setor obras raras da Biblioteca Pública Benedito leite)

Pesquisas realizadas nos acervos:

1. São Luis – Maranhão :Setor de Obras raras e jornais da Biblioteca Pública Benedito Leite; Casa de Cultura Josué Montello. ;Museu histórico e artístico[Acervo de Fotos de Gaudêncio cunha 1908];Prodetur- Ma – relatórios da UNESCO sobre Alcântara – 1960 -2000
2. Rio de Janeiro :Biblioteca Nacional – RJ – iconografia e obras raras ;Instituto Moreira Salles- RJ – acervo técnico ;IHGB -RJ



Ilustração 1 : Foto do Palácio negro.

Fonte:ALCÂNTARA:Cantos do silencio Andrade Gutierrez. São Paulo:Ed. Spala,1987.

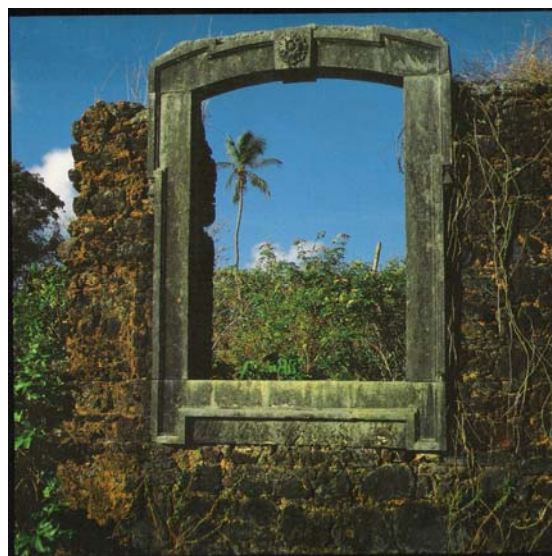


Ilustração 2-Portal da Ruína da casa do Imperador - fonte:ALCÂNTARA: CANTOS DO SILÊNCIO. Andrade Gutierrez. São Paulo:Ed. SPALA.1987



Ilustração 3- Ruínas da igreja de são Francisco ALCÂNTARA: CANTOS DO SILÊNCIO. Andrade Gutierrez. São Paulo:Ed. SPALA.1987



Ilustração 4- Rua de Pompéia , Itália . Disponível no google imagens



Ilustração 6-Piranesi- VEDUTA DELL'ARCO DI TITO. - [1756-57]. - disegnata ed. incise da Giambattista Piranesi. - [Roma] .disponível na internet .

=



Ilustração 5-croqui da Matriz . LEFÈVRE, Renée e COSTA FILHO, Odylo. Maranhão: São Luís e Alcântara. São Paulo: Companhia Editora Nacional Ed. USP, 1971.